

Espaço Aberto

A avó e o ornitorrinco

Por Rodrigo Antonio

Ilustração: Milton Costa

Três dias antes do aniversário da vovó Mirtes, Giovanni havia preparado o que deveria ser uma surpresa. Ela faria 89 anos de idade e, embora sempre fosse lúcida, estava severamente fraca e sem sal.

Desde que o avô Julio morrera, um ano antes, ela se convenceu de que a vida era para os outros. E uma das tarefas a qual Giovanni se atribuiu foi a de convencer a vovó Mirtes de que ela estava viva e de que era bom viver.

Tratava-se de uma tarefa um tanto ingrata e difícil para ele: pra começar porque ela já vivera muito mais do que ele, que com seus 11 anos de idade era tão entendido da vida quanto ela da morte.

Cada um se apegava ao que conhecia. Numa escala de zero a cem, ambos estavam simetricamente a onze passos de seus maiores feitos: nascer e morrer.

Ele se amuava porque, quase sempre que algo de novo acontecia, vovó Mirtes não dava a atenção devida, ou o que é pior: punha-se contra o nascer do dia. Quando a prima Ludmila teve o nenê, vó Mirtes se acabrunhou, fez um sinal-da-cruz como se condenasse tanta vida e tanto brilho na sua vocação interminável para o poente.

A casa dos Pacchera vivia cheia e parecia - entre algazaras e confinamentos - uma bela personificação do enigma da esfinge apresentado a Édipo: "O que durante a manhã tem quatro pernas, ao meio-dia tem duas e à noite tem três?"

Na varanda Ludmila recolhia os brinquedos do chão, de olho fixo no engatinhar de Lucas.

Na cozinha Mariana e Mônica se empanturravam raspando o resto de cassata que sobrara na travessa após o almoço. E, na sala, os tios Enzo e Ennio discutiam sobre política, ambos com as veias do pescoço saltadas, e com os rostos rubros pelo vinho e pela certeza de que estavam certos, do alto de seus irrefutáveis argumentos.

Nos quartos, os outsiders: num deles, com cortina ocre e janela cerrada, a avó de alma moribunda; no outro, Giovanni e a sua cúmplice, tia Anka, a alemã. Aquela era uma mulher germânica de braços finos, casada com Enzo. De alguma forma vivia engolida pelo temperamento duro de sua família. Numa casa de italianos frios, uma alemã delicada e afável sofria com a dissolução dos estereótipos.

- O que devo fazer com a vovó?

- Algo simples, algo simples - dizia Anka.

Giovanni matutou, matutou, até se lembrar de que nas últimas férias, em que viajara com o falecido vovô Julio, estiveram num lago com uma porção de patos. E foi nesse dia - em frente a tantos qua-quás - que a vovó dera o que para ele foi o último dos sorrisos.

- Claro! Posso comprar um pato!

- Um pato nesta casa pode não conseguir viver, Giovanni. É difícil fazer viver um pato - disse Anka, com ar zeloso.

- Mas ela gosta de patos!

- Ora, pense em algo simples, Giovanni, você pode dar a ela uma memória dos patos!

- Memória dos patos?

- Sim, Giovanni, a memória dos patos. Faça-a lembrar dos patos e do seu avô. Por que não escreve uma história de um pato e de uma pata que são muito felizes com seus patinhos?

Ou melhor: apenas desenhe! Algo simples, Giovanni, o que precisamos é de algo simples.

E no dia 10 de novembro, enquanto a família toda engordava em volta da mesa e vovó

Mirtes recusava-se a provar de seu próprio bolo, Giovanni entregou seu desenho canhestro para a avó, num papel enrolado tal qual um pergaminho enlaçado por uma fita vermelha.

Vó Mirtes não sorriu. Ao contrário, gargalhou com uma espécie de escárnio amargo: "Mas o que é isso? Um ornitorrinco?"

Giovanni afligiu-se. Não sabia o que era um ornitorrinco, mas percebeu no tom de voz de sua avó que seu desenho era torpe e ridículo.

- O que é um ornitorrinco, vovó?

- É um pato feio - respondeu, amarga.

Encarou a avó com um nó na garganta. Sentindo-se o próprio pato feio, até que Anka pôde salvá-lo ao dizer com altivez:

- Isso não é verdade, dona Mirtes. O ornitorrinco é um animal belíssimo. Quando casei com seu filho e fomos para a Itália, tivemos uma viagem lindíssima e ele me deu um presente saboroso que guardo até hoje. Deixem-me mostrar como o ornitorrinco é lindo...

Nesse momento Anka vai até a estante e recolhe um livro. Na capa lia-se "Umberto Eco".

Aquele livro sempre esteve na prateleira mais alta, destinada aos adultos, e Giovanni sempre viu naquela lombada um resumo do que era a Itália: "Umberto" sem "h" era coisa de italianos; "Eco!" era o que o seu avô sempre dizia.

Enquanto Anka folheava o livro para dizer o que talvez transformasse o pato de Giovanni em algo belo, ele pensava que talvez aquele livro secreto pudesse ser a chave dos tempos felizes de vovô Julio e vovó Mirtes na Itália.

Eis que Anka profere: "Ornitorrinco não é horrível, mas prodigioso e providencial para pôr à prova uma teoria do conhecimento.

A propósito, pela sua aparição muito remota no desenvolvimento

das espécies, insinuo que não seja feito com pedaços de outros

animais, mas que os outros animais é que são feitos dos

seus pedaços (...) Para falar rapidamente, Kant não sabia

nada sobre o ornitorrinco, paciência, mas o

ornitorrinco, para resolver sua própria crise de

identidade, deveria saber algo sobre Kant."

